MAL VAD A

malvada.art



olvidar

aldeia da luz

CRIAÇÃO ANA LUENA
& JOSÉ MIGUEL SOARES

PROJETO ARTÍSTICO
PARTICIPATIVO

PERFORMANCE-INSTALAÇÃO
CASA ABERTA
EXPOSIÇÃO

2026

“A esperança é um jogo feliz de quem se senta a pares, entre pares, com o tabuleiro ao colo.”



A Malvada desenvolveu na aldeia da Luz, no concelho de Mourão, em parceria com a EDIA / Museu da Luz, o projeto participativo *OLVIDAR*, uma criação artística de cruzamento disciplinar da dupla de artistas Ana Luena & José Miguel Soares, com texto de Filipa Leal e música de Zé Peps. O projeto envolveu as comunidades locais nos seus processos de pesquisa, cruzando teatro, performance, fotografia, vídeo e música. *OLVIDAR* parte do esquecimento não como falha ou vazio, mas como espaço de transformação e possibilidade. Toma como ponto de partida uma palavra hoje pouco usada, quase esquecida, para pensar de que modo o próprio esquecimento pode abrir caminho à criação de novas narrativas.

A apresentação da performance-instalação resulta de um percurso de vários meses de residências artísticas, encontros, entrevistas, captações, oficinas e ensaios desenvolvidos no território, em colaboração com a comunidade local.





SOBRE OLVIDAR

Em *OLVIDAR* explora-se a capacidade regenerativa do esquecimento. O esquecimento surge, assim, não como uma falha ou um vazio, mas enquanto espaço de oportunidade. Num cruzamento entre teatro, performance, fotografia, vídeo e música, o projeto trabalha a reconstrução e a recriação a partir das relações entre presença e ausência, transformando aquilo que poderá estar desaparecido.

A partir do diálogo com territórios e comunidades atravessados por processos de apagamento ou de transformação profunda, constroem-se narrativas que cruzam memórias e zonas de esquecimento. A recolha de elementos e os processos de criação partilhada transformam silêncios, ausências e experiências em matéria visual, sonora e cénica, dando lugar a uma dramaturgia fragmentada e permeável, feita de presenças subtis, vestígios e zonas de sombra.

A criação parte da ideia de que recordar é um ato seletivo e de que esquecer pode ser também um gesto de resistência, uma forma de defesa perante o excesso de acontecimentos ou a imposição de narrativas dominantes.

O processo teve início com uma residência de arranque e conceptualização no Espaço do Tempo, em Montemor-o-Novo. Este primeiro momento permitiu aprofundar as linhas de pesquisa, experimentar dispositivos e linguagens e estabelecer as bases conceptuais e dramatúrgicas que orientam o projeto nos diferentes territórios.

O desenvolvimento do projeto estrutura-se em residências imersivas de pesquisa e criação, as zonas de *OLVIDAR*, realizadas de forma participativa em diferentes territórios. Entre estas zonas estão a aldeia da Luz, em Mourão, e a Mina de São Domingos, em Mértola. O projeto estende-se ainda a Braga, em parceria com o ATLAS – Programa de Mediação Cultural do Município de Braga. Através de uma rede de parcerias e colaborações, *OLVIDAR* articula diferentes contextos, cruzando investigação artística, criação e participação das comunidades.









PROCESSO NA ALDEIA DA LUZ, EM MOURÃO

Na Aldeia da Luz, *OLVIDAR* desenvolveu-se entre fevereiro e outubro de 2026, num processo continuado de aproximação ao território e à comunidade. Este tempo alargado constituiu uma dimensão essencial do trabalho: residências *in loco* de escrita, dramaturgia, pesquisa, criação e montagem alternaram-se com visitas, conversas, ensaios, entrevistas e captações fotográficas e de vídeo, permitindo que a criação se transformasse a partir dos encontros que foram acontecendo.

A relação com Alqueva atravessa a pesquisa, quer pela presença da água, quer pela nova geografia do território. A casa surge simultaneamente como lugar físico e afetivo: aquilo que se deixa, se transporta, se reconstrói e se volta a reconhecer como lugar de pertença.

Uma dimensão fundamental das residências foi o reencontro e o trabalho artístico com diferentes gerações da comunidade. A participação assumiu diferentes formas, desde a partilha e criação de materiais através de dispositivos de fotografia, vídeo e áudio até aos ensaios de teatro e música e à presença em cena na apresentação da performance-instalação.

Realizaram-se entrevistas com alunas da Universidade Sénior Cristóvão de Mendonça, sessões de fotografia com alunos do Agrupamento de Escolas de Mourão e uma sessão de fotografia e vídeo com as crianças da Escola da Aldeia da Luz.

Entre os encontros que marcaram de forma mais profunda este processo estão as conversas e entrevistas com Horácio Sardinha Guerra, o Sr. Horácio, cuja vida se cruza intimamente com o longo processo de transição entre a antiga e a nova aldeia. Os sucessivos encontros com o Sr. Horácio tornaram-se um dos fios da pesquisa e da criação.

A Tuna da Universidade Sénior de Mourão trabalhou uma canção original criada no âmbito do projeto. O trabalho com o Grupo Coral da Aldeia da Luz permitiu, por sua vez, experimentar e definir a sua presença na apresentação.





Uma oficina de teatro dirigida às crianças prolongou o trabalho através de práticas de experimentação e criação cénica, abrindo também a possibilidade da sua participação em cena.

Entre teatro, fotografia, vídeo, música ao vivo, palavra e elementos cénicos, *OLVIDAR* coloca em relação as vozes de quem conheceu a antiga aldeia com as de quem nasceu e cresceu na nova Luz, procurando transformar memórias, ausências e experiências em matéria para a criação.

A 10 de outubro, o processo abriu-se à restante comunidade para uma Casa Aberta. Ao longo da tarde, a casa acolheu atividades, imagens, sons e materiais produzidos durante os meses de trabalho, prolongando a partilha do processo. Às 19h, no pátio, aconteceu a apresentação da performance-instalação *OLVIDAR*, reunindo a equipa artística, participantes da comunidade, a Tuna da Universidade Sénior Cristóvão de Mendonça, de Mourão, e o Grupo Coral da Aldeia da Luz.

O projeto prolongou-se ainda no Museu da Luz, através de uma exposição de imagens fotográficas criadas durante as residências.

Os parceiros Jornal Terras de Sol e Áshrama Évora Dhyána – Centro do Yoga participaram na Casa Aberta, ampliando as relações entre criação artística, comunidade e território. *OLVIDAR* conta com o apoio da Câmara Municipal de Mourão no trabalho de mediação desenvolvido ao longo do processo.





“Os habitantes da LUZ têm o direito à sua inclinação. Têm o direito de andar para a frente ou para trás. Têm o direito ao passado e ao futuro todos misturados, se for preciso.”

SINOPSE

Entre a Luz e a Água, habitantes, visitantes e diferentes gerações atravessam um conjunto de “regras” que enunciam o direito a esquecer e o direito a recordar. As vozes de quem viveu na antiga aldeia, hoje submersa, encontram-se com as de quem nasceu e cresceu na nova Luz, incluindo as crianças, abrindo espaço para imaginar aquilo que ainda pode ser construído.

Num registo marcado pelo humor, pela ternura e pela resistência, propõe-se que esquecer não seja apagar, mas reorganizar e criar de novo. Por entre casas transportadas, água, luz e sonhos, permanece uma pergunta sobre aquilo que cada comunidade decide guardar, transformar ou deixar partir para poder continuar a viver e a praticar o futuro.

Inclui-se ainda uma carta dirigida aos “filhos da Luz e da Água”, escrita através do olhar de quem visita a aldeia e escuta as suas histórias. A partir dos encontros com o Sr. H., figura que guarda memórias da antiga Luz, a carta percorre saberes e gestos transmitidos entre gerações e propõe o jogo como condição do esquecimento.

A dramaturgia que assim se compõe expande-se na performance-instalação, onde a presença dos intérpretes e da comunidade cruza-se com fotografia, vídeo, canções, música ao vivo e elementos cénicos. Imagens recolhidas e criadas ao longo das residências, testemunhos e materiais visuais e sonoros ocupam o espaço, compondo uma paisagem em transformação.



“Os habitantes da LUZ e os habitantes da ÁGUA sabem o que é a “capacidade regenerativa do esquecimento”. Sabem que “esquecer também pode ser um gesto de resistência”. Sabem-no por outras palavras, por outros gestos.”

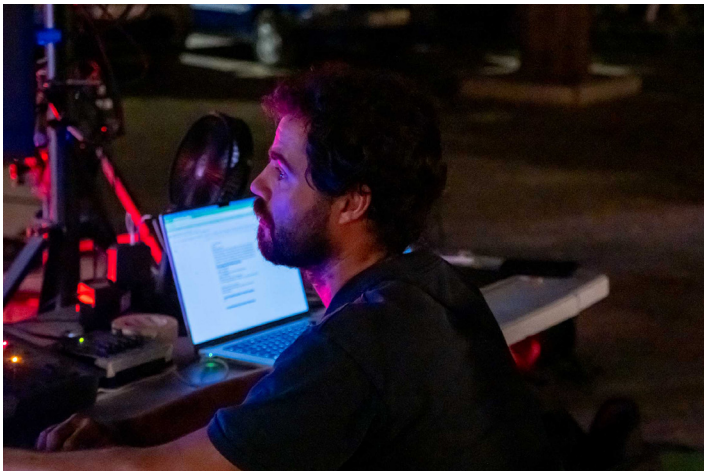




FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA OLVIDAR - Aldeia da Luz

Criação, performance e instalação ANA LUENA & JOSÉ MIGUEL SOARES
Texto FILIPA LEAL
Música e interpretação ao vivo ZÉ PEPS
Fotografia e vídeo JOSÉ MIGUEL SOARES
Encenação e dramaturgia ANA LUENA
Interpretação CHISSANGUE AFONSO, JÚLIA CARLOTA com CARMEN COUTINHO, FILIPE CADETE, FRANCISCO SANTANA, LOURENÇO GARCIA, MATHEUS GUERRA, MIRA RAVAU, SOFIA GONÇALVES, GRUPO CORAL DA ALDEIA DA LUZ, TUNA DA UNIVERSIDADE SÉNIOR CRISTÓVÃO DE MENDONÇA (MOURÃO)
Colaboração artística CHISSANGUE AFONSO
Desenho de som e apoio técnico JOÃO ESPANCA BACELAR
Assistência de fotografia e vídeo [FCT/IEFP] MIGUEL VARELA
Assistência de produção executiva GUILHERME DIAS
Assistência administrativa e de comunicação JOANA XAVIER
Design gráfico JOANA AREAL
Participação das comunidades Aldeia da Luz e Mourão CLARA RIBEIRO, HORÁCIO SARDINHA GUERRA, LOURDES PINTO, MARIA ANTÓNIA
Tuna Da Universidade Sénior Cristóvão De Mendonça (Mourão) CLARA MARIA RIBEIRO, GERTRUDES GOMES RODRIGUES, ILDA MARIA BAÇÃO, INÁCIA ROSA BARRADAS, ISABEL SEGURADO, ISAURINDA ROSA LEAL, JOAQUINA VITÓRIA DIAS, MARIA ANTÓNIA LOURENÇO, MARIA ANTÓNIA MARTINS, MARIA DA CONCEIÇÃO SARAMAGO, MARIA DE LOURDES RAMALHO, MARIA DE LOURDES PINTO, MARIA FRANCISCA CAEIRO, MARIA JOAQUINA CANETE
Alunos dos Agrupamentos de Escolas de Mourão e Alunos da Escola Básica da Aldeia da Luz ALICE CAEIRO, AURORA GODINHO, BEATRIZ CARRILHO, BENEDITA FERNANDES, BRUNA CAPUCHO, CLARA NICHA, FRANCISCO FARIAS, FRANCISCO LOPES, GONÇALO COSTA, IRIS VIRIATO, JOÃO LOPES, LEANDRO CASTRO, LETÍCIA HENRIQUES, LOURENÇO CARRILHO, LOURENÇO GARCIA, LOURENÇO JORDÃO, LUCAS RENDEIRO, LUCAS RODRIGUES, LUCAS VIDIGAL, MADALENA FRASCO, MARIA CARLOTA, MARIA DO CARMO NEVES, MARIA INÊS BARRADAS, MARIA LEONOR, MARIA LUÍS, MATHEUS GUERRA, MIRA RAVAU, SALVADOR SANTINHA, SANTIAGO PINTO, SANTIAGO VICTORINO, SOFIA GONÇALVES
Articulação e acompanhamento local RITA CAEIRO, JOÃO CORREIA, JOÃO LOPES, SORAIA GUERREIRO
Parcerias de mediação CÂMARA MUNICIPAL DE MOURÃO, UNIVERSIDADE SÉNIOR CRISTÓVÃO MENDONÇA, GRUPO CORAL DA ALDEIA DA LUZ, ESCOLA BÁSICA DA ALDEIA DA LUZ Parceria de comunicação JORNAL TERRAS DE SOL, DIANA FM, RÁDIO PLANÍCIE
Mediação e consultoria DIMAS FERRO [MUSEU DA LUZ]
Assistência FILIPE CARDOSO Montagem da exposição HORÁCIO SARDINHA GUERRA
Coprodução em residência O ESPAÇO DO TEMPO
Cofinanciamento IEFP, PESSOAS 2030, PORTUGAL 2030 e UNIÃO EUROPEIA
Apoio JUNTA DE FREGUESIA DOS CANAVIAIS
Protocolos ÁSHRAMA ÉVORA DHYÁNA - CENTRO DE YOGA / ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL DOS PROFESSORES / HOSPITAL ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA / LIGA DE ESTUDANTES AFRICANOS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA / SINDICATO DEMOCRÁTICO DOS PROFESSORES DO SUL / UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Apoios logística QUEIJARIA CACHOPAS, RESTAURANTE O COMBINADO, SOPAS GRACIETE
Cofinanciamento e parceria EDIA / MUSEU DA LUZ
Produção MALVADA ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA
A MALVADA ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA é uma estrutura financiada pela REPÚBLICA PORTUGUESA – CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO / DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES com o apoio da CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA





divertissement

32 RETRATOS FOTOGRÁFICOS NO MUSEU DA LUZ

O esquecimento não é apenas aquilo que se perde ou desaparece. Pode ser também um espaço em aberto para a construção de novas imagens e narrativas. Nesta série de retratos fotográficos, a representação do rosto é posta em causa através de um jogo de fragmentação, deslocação e recomposição. Olhos, bocas, narizes e outras partes do corpo alteram as proporções e a configuração normalizada dos rostos, criando imagens simultaneamente familiares e estranhas. O que reconhecemos deixa de coincidir com aquilo que é expectável vermos. A estranheza emerge do que é familiar, quando este revela a possibilidade de se transformar em algo ainda desconhecido.

Desenvolvida no âmbito do projeto *OLVIDAR*, da autoria de Ana Luena & José Miguel Soares, esta série resulta de um processo de criação no qual as crianças participaram ativamente na construção das imagens, escolhendo o que fotografar, manipulando os fragmentos impressos e intervindo na encenação dos seus próprios retratos. A fotografia deixa de ser apenas um registo de quem somos para se tornar um lugar de experimentação daquilo que podemos ser. Em vez de fixar uma identidade, abre-a à transformação.

Estas 32 fotografias foram realizadas com crianças da aldeia da Luz e de outras localidades do concelho de Mourão, todas nascidas mais de uma década depois da fundação da nova aldeia. Algumas são filhas de quem viveu, ainda na infância, a passagem entre a antiga e a nova aldeia da Luz. Entre a memória vivida, a memória transmitida e aquilo que já não se recorda, estas crianças habitam um território cuja história as precede, mas que continua a ser construído no presente.

Sem procurar representar essa história, os retratos estabelecem um diálogo com algumas das questões que atravessam *OLVIDAR*. O esquecimento não surge apenas como falha ou perda, mas também como abertura ao que ainda não existe. Entre aquilo que herdamos e aquilo que podemos vir a construir, o familiar deixa de ser uma forma estável, tornando-se um campo de transformação, onde o futuro pode irromper e alterar a nossa relação com o presente.

Originalmente apresentadas na performance-instalação *OLVIDAR*, realizada na casa do Museu da Luz, a 10 de outubro de 2026, num momento aberto ao público que assinalou o culminar do processo de criação, estas fotografias encontram agora um novo contexto expositivo no Museu da Luz. A exposição prolonga uma das dimensões do trabalho desenvolvido pela Malvada na aldeia da Luz, entre fevereiro e outubro de 2026, com a colaboração do Agrupamento de Escolas de Mourão, em parceria com a EDIA / Museu da Luz.

RETRATOS EXPOSIÇÃO





































“CARTA AOS FILHOS DA LUZ E DA ÁGUA, muitos anos depois

Queridos filhos de todos e de todos os outros,

Cheguei esta semana à aldeia da Luz, depois de passar pela aldeia da Água. E percebi depressa que, por vezes, as regras são trocadas pela vida quando a nossa vida é tocada pelo sonho dos outros. O sonho do maior lago artificial da Europa é um sonho cheio de fitas-métricas, com algumas estradas que dão para debaixo de água e que dependeu, sobretudo, da generosidade de quem aceitou mudar de lugar a casa, de mudar de lugar a lareira e o coração.

Nem tudo cabia no lugar seguinte: nem sempre coube o frigorífico, nem sempre coube o esquecimento. Mas, aqui, cabe agora toda a luz e toda a água. Aqui, o céu tem mais estrelas do que nos outros lugares. Cantem. Não se esqueçam nunca de cantar. Levem no bolso um canivete para cortarem o pão e o queijo. Há muitos anos que o meu tio (conhecido entre vós pelo Sr. H.) me convidava para vir conhecer a vossa terra, a vossa água. Mas a vida é demasiado longe, demasiado veloz. Finalmente, atrevi-me a parar. A parar aqui.

Atrevi-me a medir convosco a distância entre o quintal e as constelações, a interromper o ensaio do grupo coral para um abraço e um pedaço de presunto. Atrevi-me, finalmente, a perguntar o horário de abertura da Queijaria, a inaugurar os pés sobre o passadiço – que reabriu finalmente, depois das tempestades.

A carta que vos escrevo é, pois, um testemunho dos dias que passei perto de todos. Mas é, mais do que isso, uma homenagem ao meu tio. O meu tio-guia. O meu tio-silêncio. O meu tio-diálogo. O meu tio-de-todos. O meu tio. O Sr. H. Um dia, muitos anos depois, o Sr. H. sentou-se a reproduzir, de memória, as aldeias. Porque o Sr. H. é uma espécie de tio-justiça. Que seca as mãos na água. Que molha os pés na luz. O Sr. H. é uma espécie de feiticeiro, com um corredor iluminado e um gerador na oficina. Tem uma tendência clara para a claridade, para a clareza, para a clarividência.

Quando eu cheguei, o Sr. H. promoveu um Encontro dos Amigos da Luz e da Água. Reunimo-nos na Sociedade Recreativa, e dali seguimos para o Museu, o Museu da janela alinhada com a antiga Luz, com a nova Água.

O Sr. H. sabe fazer brinquedos em madeira. O Sr. H. já foi barbeiro, hipnotizador, Presidente da Junta. O Sr. H. sabe de carpintaria porque o seu tio era abegão. O tio do Sr. H. também fazia caixões, um por um: “Quando aquele se gastava, fazia-se logo outro, e ficava-se à espera de que alguém se lembrasse de abalar”. Não se esperava que muitos abalassem de uma vez.

O Sr. H. conta-nos, chegado já ao futuro das suas memórias, que o pescador lhe dizia: “Venha comer um caldo de peixe”. Mas o convite era anterior à refeição. O convite era para passarem o dia no Guadiana a pescarem o peixe que, mais tarde, os juntaria à mesa.

O Sr. H. guarda estas memórias todas, misturadas com as bicicletas dos netos, num armazém próximo da Água e da Luz. Os visitantes podem requisitar memórias como se requisitassem um livro na biblioteca.

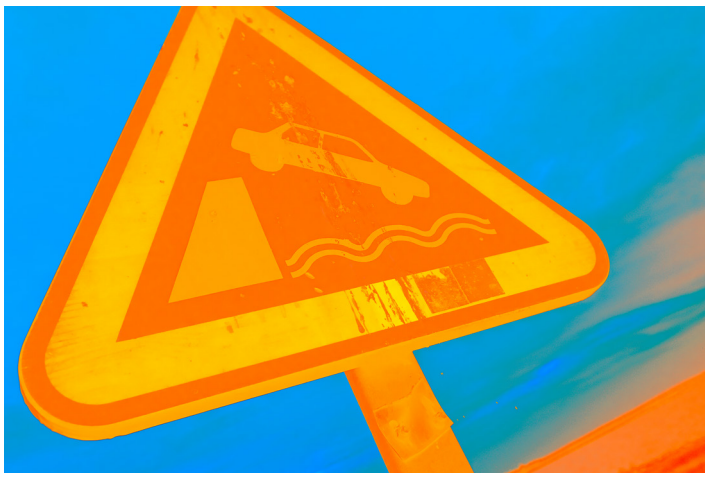
Algumas pessoas preferem só o esquecimento. Querem esquecer os remendos nas calças. Querem esquecer os remendos no coração das pessoas e das aldeias. Querem esquecer que uma avó foi criança aguadeira (que deixou de estudar aos oito anos para levar água aos trabalhadores) e por isso não ouvem a parte seguinte: que a mesma avó um dia tirou a carta de condução, e hoje guia o seu caminho feliz. Porque quem prefere não ouvir, nunca ouve o fim feliz de algumas histórias.

Escutem. Primeiro escutem, por favor, e depois decidam se querem esquecer. Só então poderão acender um tronco no Monte dos Pássaros sabendo o que isso significa. Só então poderão continuar a cantar compreendendo bem a letra.

Cantem. Não se esqueçam nunca de cantar. E escutem. Não se esqueçam nunca de escutar. Primeiro escutem, por favor, e depois decidam se querem esquecer.

Vossa,
Senhora F.”









CALENDÁRIO DO PROCESSO OLVIDAR NA ALDEIA LUZ

20 - 23 JAN 2026	Residência de escrita e conceptualização Luz e Mina, O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo
18 - 20 FEV 2026	Residência imersiva de pesquisa e criação artística
18 - 20 FEV 2026	Residência de escrita
8 - 17 ABR 2026	Residência de criação, dramaturgia e ensaios
3 - 13 JUN 2026	Residência de criação e preparação
11 JUN - 1 OUT 2026	Visitas, ensaios de teatro e ensaios musicais
25 - 28 AGO 2026	Residência de criação artística e montagens
28 SET - 2 OUT 2026	Residência de criação, dramaturgia, edição e impressão performance instalação, Évora
29 SET - 10 OUT 2026	Oficina de teatro e criação artística dirigida a crianças
5 - 10 OUT 2026	Residência de criação, montagem e ensaios
10 OUT 2026	Casa Aberta Performance-Instalação Rua do Montinho, nº 38 Aldeia da Luz, Mourão 19 OUTUBRO 2026 - 10 JANEIRO 2027 Divertissement - 32 retratos fotográficos Museu da Luz



BIOGRAFIAS

ANA LUENA (Luanda, 1974)

Encenadora, dramaturga, cenógrafa e figurinista. Cruza escrita, encenação e criação visual, integrando frequentemente música ao vivo. Trabalha na direção de intérpretes profissionais e elementos das comunidades. Frequentou o Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É mestre em Teatro, especialização em Encenação, pela Escola Superior de Teatro e Cinema, realizou o Curso de Encenação de Ópera da Fundação Calouste Gulbenkian e o curso profissional de Cenografia e Figurinos da ACE. Fundou e dirigiu o Teatro Bruto durante vinte anos. No Porto, encenou mais de trinta espetáculos, com criações apresentadas no TNSJ, Rivoli, Porto 2001, Guimarães 2012 CEC, Teatro São Luiz, Festival Rota das Letras, em Macau, entre outros. Colaborou durante nove anos com a Casa da Música. Encenou o Circo de Natal 2024 do Coliseu do Porto. Desenvolve atividade pedagógica, tendo lecionado na Universidade de Évora, ESMAE, ACE e Balleteatro. Em 2018, fundou com José Miguel Soares, em Évora, a Malvada Associação Artística, da qual é diretora artística e cocriadora de todos os projetos, desenvolvendo uma prática de caráter transdisciplinar. Na Malvada, escreve e encena também vários espetáculos.

FILIPA LEAL (Porto, 1979)

Poeta, jornalista e argumentista. Tem 14 livros publicados, desde 2003. Duas das suas obras mais recentes, 'Vem à Quinta-feira' e 'Fósforos e Metal sobre Imitação de Ser Humano', foram finalistas do Prémio Correntes d'Escritas e semifinalistas do Prémio Oceanos. Está editada em Espanha e no Brasil (com o livro 'A Cidade Líquida'); na Colômbia (com a antologia 'En los días tristes no se habla de aves'); e em França (com a plaquete 'La Ville Oubliée'). Formada em Jornalismo pela Universidade de Westminster (Londres), é Mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Está representada em várias antologias em Portugal e no estrangeiro (Venezuela, México, Grécia, Bulgária, Países Baixos ou Eslovénia). Enquanto argumentista, destaca-se o guião do filme 'Jogo de Damas', com a realizadora Patrícia Sequeira – Prémio de Melhor Guião nos Festivais de Cinema do Chipre e de Copenhaga; e para a série 'Mulheres Assim', RTP1). Colaborou com a Malvada na escrita de textos para a Escrita Epistolar do projeto *Planta* (2022) e para o diário *Delonga Dia* (2025), tendo também escrito o texto da performance Corpo (2024). Colabora no projeto 'Olvidar' (2026), para o qual escreveu dois textos originais, para a versão da Aldeia da Luz e da Mina de São Domingos.

JOSÉ MIGUEL SOARES (Ponta Delgada, 1977)

Artista visual, fotógrafo e criador multidisciplinar. A sua prática parte da fotografia e expande-se pelo vídeo, pela instalação, pela performance e pela arte participativa, cruzando diferentes linguagens, processos experimentais e formas de relação com o público. Estudou Fotografia no Istituto Europeo di Design, em Roma, Psicologia na Universidade de Lisboa e Psicologia Social na Università degli Studi di Padova. Cresceu em Évora, viveu e trabalhou durante cerca de duas décadas entre Lisboa e Roma e regressou posteriormente a Évora, onde reside. A sua obra fotográfica tem sido publicada em dezenas de revistas e outras edições/projetos editoriais, em áreas como o retrato, a arquitetura, a moda, a fotorreportagem, a fotografia de cena, em diálogo com uma prática autoral continuada. Realiza também fotografia e vídeo para agências, instituições e marcas nacionais e internacionais. Foi distinguido em concursos como Jovens Criadores, Prémio Autores SPA e Society for News Design. Em 2018, fundou com Ana Luena a Malvada Associação Artística, da qual é diretor artístico e cocriador de todos os projetos, incluindo propostas performativas, instalações, exposições e projetos de arte participativa de caráter transdisciplinar.

ZÉ PEPS (Setúbal, 1968)

Músico e compositor. Vive e trabalha em Évora. Toca guitarra desde os 6 anos. Destaca a colaboração com os Hands On Approach, em 2002. Muda-se para Évora em 2010, onde integra várias bandas: Sons de Cá, Pucarinho, Bicho do Mato e Aqui Há Baile. Participa com os Pim Teatro em vários espetáculos desde 2009. No cinema, compõe com Tó Zé Bexiga e interpreta bandas sonoras ao vivo para cinema mudo. É professor de guitarra na Sociedade Harmonia Eborense. Desde 2015, apresenta a sua música nas ruas de Évora. Venceu o MUS Portugal, concurso nacional apoiado pela Antena 3 e Numark. Com a Malvada participa em 'Por Portas Travessas' (2018), 'Às Portas da Cidade' e 'Planta' (2019), 'Bonecas' (2019/20), 'Revela-me' e 'Skholé' (2021), 'Apneia' e 'Cotidianos' (2022), 'Sentido Figurado', 'Pólis', 'Eucalipto Gigante', 'Errante' e 'Coabitante' (2023), 'Sonho' e 'A.M. Monstro' (2024), 'Ócio' (2025-26), 'Excesso', 'Delonga', 'Línguas' e 'O Trote Torto' (2025), 'Vaivém', 'Olvidar' e 'Estrada' (2026).

CHISSANGUE AFONSO (Maputo, Moçambique, 1979)

Atriz, figurinista e criadora. Concluiu o Bacharelato em Realização Plástica do Espetáculo, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, em 2003, e o Mestrado em Teatro, Interpretação e Encenação, na Universidade de Évora, em 2020. Entre 2003 e 2008, trabalhou como figurinista em espetáculos de Alexandre Lyra Leite, Bruno Bravo e Joana Brandão. É intérprete em 'Simone & Sylvie' e 'O Gato Vermelho' (Cláudia Lázaro), 'No dia seguinte ninguém morreu' (Carlos Marques), 'Ninhos' e 'Jacarandás', da sua autoria. Desde 2022, desenvolve trabalho de figurinos e/ou cenografia para a Bruxa Teatro, Trimagisto, Baal17 e O Fim do Teatro. Desde 2023, desenvolve 'A Barragem', projeto que se desdobra em performance site-specific, filme-concerto, documentário e exposição imersiva. Em 2024, venceu a Bolsa Sementeira da Antípoda AC e criou 'Que.mim.erA', em circulação até 2026. Colabora com a Malvada desde 2018, em 'Quarto Escuro' (Maquilhagem), 'Por Portas Travessas' (Figurinos), 'Sentido Figurado', 'O Sonho' (Maquilhagem, assistência de figurinos e ensaios). Enquanto intérprete integra o elenco de 'Festa' e 'Sono' (2021), 'Eucalipto Gigante' (2023), 'Delonga Dia', 'O Trote Torto' (2025), e 'Vaivém' (2026). Orienta laboratórios nos projetos 'Estufa' e 'Ócio' (2026). Atualmente colabora em 'Olvidar' e 'Estrada' (2026).

JOANA AREAL (Lisboa, 1983)

Designer gráfica, diretora de arte e docente. Trabalha como diretora criativa nas áreas do Design de Comunicação, Design Editorial e Web Design. Os seus projetos têm uma forte componente cultural, explorando novos discursos visuais e diferentes formatos de comunicação. Licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e mestre em Direção de Arte e Estratégias de Comunicação pela ELISAVA, Barcelona. Desenvolveu projetos para instituições como a ModaLisboa e o Musée Yves Saint Laurent Marrakech. Desde 2021, é responsável, de forma contínua, pela imagem gráfica da Malvada, tendo desenvolvido a identidade visual de 'Revela-me' (2020/21), 'Skholé' (2021/22), 'Planta' (2022/23) e de todas as criações e projetos dos ciclos 'Desejo' (2023/24) e 'Estação' (2024/25).

JOANA XAVIER (Lisboa, 2002)

Assistente administrativa e de comunicação. Vive em Évora. Licenciou-se em Arquitetura pela Universidade de Évora, em 2024. Encontra-se atualmente a concluir o Mestrado em Arquitetura Paisagista (UÉvora), área que articula o interesse pela botânica e pela dimensão simbólica da natureza. O interesse pela produção cultural parte da experiência de trabalho por projeto desenvolvida no seu percurso académico e pelo gosto da escrita. Atualmente integra a equipa de produção da Malvada, onde desenvolve funções de assistência administrativa e de comunicação, no âmbito do programa IEFP +Talento.

GUILHERME DIAS (Évora, 2005)

Assistente de produção executiva. Vive em Évora. Concluiu o Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais na Escola Secundária Gabriel Pereira, em Évora, e a formação de Técnico/a de Design de Moda, de nível 4, no Centro de Formação Profissional do IEFP de Évora. Realizou a Formação Prática em Contexto de Trabalho na Malvada Associação Artística, onde teve o seu primeiro contacto com a área da produção executiva e com o acompanhamento de projetos de criação artística de cruzamento disciplinar. Na continuidade dessa experiência, integra atualmente a equipa de produção da Malvada, no âmbito dos Estágios INICIAR.

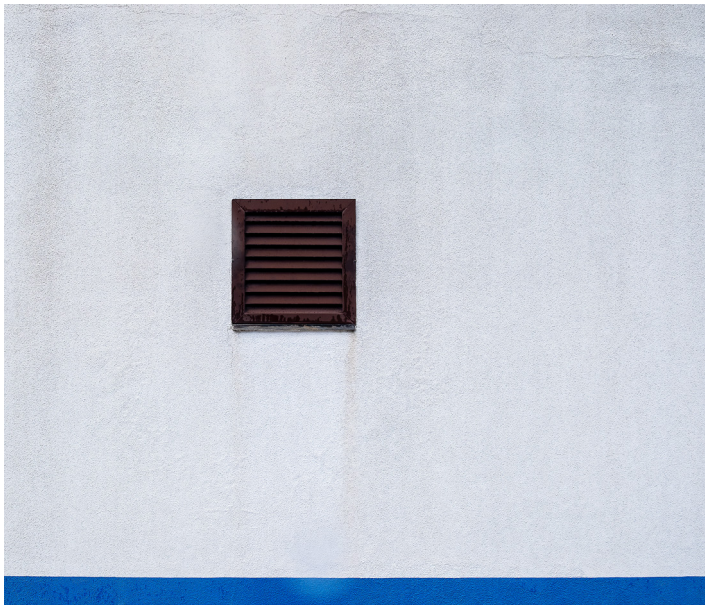
JOÃO ESPANCA BACELAR (Évora, 1970)

Desenhador e técnico de som, artista multimédia. Vive e trabalha em Évora. Iniciou a atividade profissional em 1989, desenvolvendo trabalho nas áreas da realização, rádio, audiovisual, música e artes performativas. Foi diretor técnico do projeto Ciência na Rua, do Centro Ciência Viva de Estremoz (2006-2010). Licenciado em Artes Visuais e Multimédia pela Universidade de Évora (2012), desenvolve trabalho criativo nas áreas da fotografia, instalação, interatividade e artes digitais. Entre os seus projetos destacam-se 'Percursos Ibéricos', 'Janelas do Tempo', 'Água de Prata', 'Óh Águia!', 'Sant'Elite' e 'Cappas Sobre Rosa de Lima'. Colaborou na coordenação do Programa de Arte Experimental Ev.Ex (2019). Mais recentemente, desenvolve trabalho de operação técnica e criação para espetáculos como 'Sonho', 'A.M. Monstro', 'Línguas', 'O Trote Torto' e 'Vaivém' da Malvada (2024-2026).

JÚLIA CARLOTA (Faro, 2003)

Atriz, assistência à criação e produção. Licenciada em Teatro pela Universidade de Évora (julho de 2026). Ao longo da sua formação, participou em diversas criações teatrais e performativas, trabalhando com encenadores como João Galante, Rolando Galhardas, Pedro Paulo Alves Pereira e Ana Tamen. O seu percurso inclui espetáculos como 'O Gatilho da Felicidade', 'Die off Machine' (a partir de 'Hamletmachine'), 'Quando Eu For Grande, Mato-os a Todos' e 'Fumo de Verão', de Tennessee Williams, além de performances apresentadas no festival Evoraz, nas Montras Vivas de Évora e em eventos de recitação poética. Tem interesse pela escrita dramática e poética, voz cantada e criação performativa, bem como competências em maquilhagem e caracterização. É fluente em inglês. Integra atualmente a equipa da Malvada Associação Artística, desenvolvendo trabalho nas áreas da interpretação, mediação, assistência à direção artística e apoio à produção, no âmbito do programa IEFP +Talento.








10



SOBRE A MALVADA

Fundada em 2018 por Ana Luena e José Miguel Soares, a dupla responsável pelas criações artísticas e direção deste projeto sediado em Évora, a Malvada aposta num território periférico como centro de criação e reflexão artística contemporânea.

A Malvada tem como fim a realização de projetos de criação que abrangem diferentes áreas artísticas e do conhecimento, frequentemente cruzando disciplinas como a fotografia, o vídeo, a literatura, a música, o teatro e a performance. Promove atividades de criação e fruição artística que envolvem a comunidade através da participação ativa em ações de mediação, serviço educativo, acessibilidade e inclusão social, potenciando uma relação de proximidade entre públicos diversificados e a obra artística.

O trabalho em rede é uma das suas orientações, reunindo, em equipas heterogéneas, profissionais de Évora e de outras zonas do País, desenvolvendo e apresentando as suas criações neste e noutros territórios, e estabelecendo parcerias e coproduções com instituições nacionais. Integra o CLASE - Conselho Local de Ação Social desde 2023.

A Malvada realiza projetos artísticos que partem de conceitos explorados numa abordagem multidimensional. Os processos criativos, trabalhados por camadas de sobreposição, caracterizam-se por atividades e criações que se interligam no âmbito de um mesmo projeto. A multiplicidade das suas manifestações resulta em espetáculos, instalações, exposições, edições, performances, projetos site-specific e objetos artísticos híbridos.

MALVADA.ART
MALVADA.INFO@GMAIL.COM
+351 928 154 524

DIREÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO
ANA LUENA: +351 960 268 843
JOSÉ MIGUEL SOARES: +351 965 601 966

estrutura financiada
REPÚBLICA PORTUGUESA | CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES
ÉVORA Câmara Municipal

cofinanciamento
EDIA
MUSEUDALUZ

coprodução em residência
O ESPAÇO DO TEMPO

apoio
MOURÃO MUNICÍPIO
CCDR ALENTEJO Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, I.P.

parceiros de comunicação
TERRAS DE SOL
RP Rádio Planície

Protocolos ÁSHRAMA ÉVORA DHYÁNA - CENTRO DE YOGA / ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL DOS PROFESSORES
HOSPITAL ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA / LIGA DE ESTUDANTES AFRICANOS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA
SINDICATO DEMOCRÁTICO DOS PROFESSORES DO SUL / UNIVERSIDADE DE ÉVORA